





## 5. Meio Antrópico

### 5.1 Caracterização Histórico-Arqueológica

#### 5.1.1. Introdução

A criação do Parque Estadual da Campina do Encantado vem contemplar entre outros objetivos a preservação da flora, fauna e do patrimônio histórico e arqueológico, representado pelos sambaquis e seu contexto, que fazem parte de nosso patrimônio cultural. Sua preservação não é um assunto a ser tratado isoladamente, mas como parte integrante de uma ampla concepção de cultura que compreende a dinâmica das relações sociais, carregadas dos valores, tradições, perspectivas e anseios que permeiam a vida cotidiana dos cidadãos.

Os sambaquis são monumentos, elementos concretos de uma cultura pretérita, referencial sem o qual não se procede a uma ação de preservação, cujas leis de proteção constituem-se em mais um instrumento essencial para a consolidação da cidadania.

#### 5.1.2. Sambaquis

Segundo Ihering, (1904, p.529), "sambaqui" é palavra de origem tupi, composta de *tampa* que significa concha e *ki* cujo significado é colina, atribuída a um certo tipo de evidência arqueológica deixada por grupos de pescadores/caçadores/coletores que habitavam grande extensão da costa brasileira.

Com relação à palavra sambaqui, Benedito C. de Almeida Nogueira (apud. Ihering, 1904, p.529), considera admissível tanto a etimologia *quib* ou cisco como *qui* aguçado ou cônico.

Para Paulo Duarte, com relação às primeiras definições de sambaqui, uma das mais importantes é a de Carlos Rath de 1874, que considerava os sambaquis brasileiros como depósitos arqueológicos, e a palavra etimologicamente "casa do espírito", seria mais correta que a de Teodoro Sampaio: *tamba* e *qui* - monte de ostras. (Duarte, 1968, p.31 )

Alberto Löfgren, faz referência ao estudo do Barão de Capanema, para quem "o nome de sambaqui vem de dois vocábulos indígenas "samba" ou "tamba" que quer dizer "concha", e "quy" ou "ky" que significa "morro", "elevação" ou "collina" em forma de peito de mulher". O autor cita também João Mendes de Almeida, para quem a etimologia correta seria: "itã-mb-ati" ou "montão de cascas de ostras", onde "itã" significa casca de ostra, "mb" é intercalação nasal, "ati" é montão".

Nos sambaquis, por haver predomínio da fauna malacológica, muitos autores portugueses os denominavam "ostreiras" (cascas de ostras) ou "casqueiros", (diversas espécies de conchas, geralmente berbigões e ameijoas) nomes que por si só demonstram o material de sua composição (Löfgren, 1893, p.54).

No século XVI, Anchieta (1886) já fazia menção aos sambaquis, quando dizia "as ostras são em tanta quantidade, que se acham ilhas cheias de cascas e faz cal para os edifícios que é tão bôa como a de pedra". Desde então muitas são as referências aos sambaquis: Fernão Cardim, (1885, p.118) discorre a respeito da sua composição e o seu emprego em edificações e Frei Gaspar da Madre de Deus (1954, p.45-46) sobre os sambaquis existentes em Santos, São Vicente, Conceição, Iguape, Cananéia etc .

Alguns autores como Benedito Calixto (1904, p.502), concordando com Von Ihering e I. Von Siemiradzki, afirmava serem os sambaquis depósitos naturais formados entre a época quaternária e a terciária, alegando que a base de sua constituição, a fauna malacológica, encontrava-se distante, respondendo àqueles que acreditavam que os sambaquis seriam produtos da mão humana.

Há muita divergência entre a comunidade científica a respeito da finalidade da construção de tais sítios. A hipótese de que eles servissem apenas como dejetos de cozinha acumulados já não mais se sustenta, assim como não há consenso de que seriam necrópoles ou conforme Rivet (1960) local para cerimoniais. Para Duarte (1968, p.95-96) sambaqui é "um centro social múltiplo, local de reunião coletiva, a grande sala de estar do clã, monumento totêmico do homem Páleo-Americano, cuja localização não se fazia ao acaso, mas consoante certas condições impostas até ou principalmente por fatores mágicos."

Tenório (2000) deduz que os sambaqueiros por serem praticamente sedentários usaram uma grande quantidade de detritos alimentares para construir verdadeiras plataformas onde estabeleciam suas moradias. A autora chama também a atenção para o fato de encontrarmos ossos de tubarão, baleia, golfinhos, tartarugas, raias etc., junto aos restos de sua dieta básica constituída por moluscos e peixes, mostrando a facilidade com que esses povos manuseavam embarcações em rios e no mar.

A palavra "Sambaqui", para Prous (1992, p.204) fica restrita aos sítios de depósitos homogêneos, nos quais as conchas estão bastante distribuídas, em superfície e profundidade, formando a quase totalidade da massa sedimentar. Estes "Sambaquis" stricto sensu distinguem-se, portanto, de sítios cujas lentes de conchas estão dispersas no meio de uma matriz diferente, e que ele chamou de acampamentos de coleta.

O antigo conceito de uniformidade cultural dos construtores de sambaquis já não persiste. Os estudos recentes vêm comprovando a tese de que grupos possuidores de culturas diferenciadas, sob vários aspectos, participaram da construção de tais sítios. Tratam-se de culturas resultantes de um determinado sistema econômico, mas não necessariamente específico.(Melo e Alvim, apud Uchôa, D.P., 1973, p.201).

A cultura material encontrada nos sambaquis permite inferir que havia uma interação entre os grupos sambaqueiros, facilitada muitas vezes pela proximidade entre os sambaquis; também não está descartada a possibilidade do contato com grupos sociais culturalmente distintos. Estima-se a média de 180 indivíduos que viviam simultaneamente nos sambaquis maiores (Gaspar, 2000).

Muitos são os aspectos abordados sobre os sambaquis: Serrano (apud Uchoa, 1973, p.202) pioneiro na cronologia, utiliza critérios, espacial e temporal para determinar a idade dos sambaquis, enquanto os pesquisadores Suguio e Barcelos (1977), apud Garcia, estudam um aspecto importante muitas vezes relegado pelos estudiosos dos sambaquis que é a flutuação do nível do mar em relação a sua construção.

Segundo Garcia, D.R.C. (Vol. VI, Revista de Pré-História/IPH-USP, p.42, p. 124), nos últimos 6.000 anos na região de Cananéia-Iguape, "o nível atual e o primeiro máximo ocorrido teria sido por volta de 5.000 AP<sup>9</sup>, quando o nível teria atingido 4,5m acima do presente em alguns lugares". Este máximo foi seguido por um mínimo a 3.800 AP, quando o nível teria estado ligeiramente abaixo do atual. "A 3.200 AP, um segundo máximo teria ocorrido, chegando o nível a 3m acima do atual e parece que a partir dos últimos 1.800 anos o nível se manteve próximo do atual."

Ainda, de acordo com Garcia, "grande parte da região de Cananéia-Iguape está situada em terraços elevados da Superfície Cananéia, junto a áreas mais baixas, já totalmente fora do alcance das marés ou ainda constituídas de brejos ou mesmo de mangue".

Conclui-se, portanto, que a maior parte dos sambaquis, em razão de datações obtidas, localizam-se na fase regressiva, dos 5.000 aos 3.800 . Na fase transgressiva situada em 3.200 também foram localizados alguns sítios, que necessariamente possuem uma altura superior a 3m salvos assim de ficarem no todo ou em parte submersos pelo nível da água.

Os sambaquis representam testemunhos valiosos de nossa pré-história e para melhor compreendermos os povos que os habitavam, suas relações e organização e até seu desaparecimento, é necessário que se tomem medidas de preservação e divulgação das pesquisas realizadas dentro de um conceito multi-disciplinar entre os diversos campos da ciência e entre os órgãos governamentais responsáveis por sua conservação.

### 5.1.3. Patrimônio Arqueológico da Campina do Encantado

Em relatório da Comissão Geográfica e Geológica (1908, p.7), o vale do Ribeira assim foi caracterizado (figura 43): "*desde Serro Azul até o ribeirão do Batatal, o Ribeira corre encachoeirado por entre morros que constituem as fraldas da serra de Paranapiacaba; do ribeirão Batatal já poucos contrafortes da Paranapiacaba chegam até o rio terminando o terreno acidentado em Sete Barras, correndo o rio dahi em diante até o Oceano por terrenos planos, de formação recente, aparecendo distantes uns dos outros pequeno morros, que mais se destacam na planície e que provavelmente são restos de antigas ilhas, hoje ligadas ao continente e mesmo distantes da actual costa, pelos continuos depositos de terras e vegetaes, que descendo da Serra foram ganhando ao mar o grande trato de terreno entre o actual littoral a Éste e o Pariquera-Assú a Oeste; corroborando isto, vemos a bem*

---

<sup>9</sup> AP (Antes do Presente), o mesmo que BP (Before Present), a data de referência é o ano de 1950 (ano de descoberta de datação com rádio carbono), adotada pelos arqueólogos e aceita mundialmente.

demarcada linha da antiga costa pelos muitos sambaquis que foram explorados na região. Estes sambaquis são constituídos por cascas de berbigões, ostras, etc. e encontram-se nelles alguns ossos de animais e peixes, restos da alimentação dos



antigos indígenas então residentes no lugar que, nessa época remota, formava o littoral; assim é que, a começar na lagoa Traituba, em frente à barra do Pariquera-Assú, estendem-se em linha, pouco distantes uns dos outros, esses sambaquis ou casqueiras, acompanhando esse rio e terminando na extremidade este dos morros de Liririaia, na margem do hoje Mar Pequeno".

**Figura 43.** Vale do Ribeira em meados do século XX (Relatório da Comissão Geográfica e Geológica do estado de São Paulo, Exploração do Rio Ribeira de Iguape, 1908)

Neste relatório, foram publicados os primeiros estudos dos sítios pré-históricos na área da Campina do Encantado (figura 44), realizados por Ricardo Krone (1908, p.31-34), que os define como "sambaquis", considerando-os como sendo os mais antigos da região do vale do rio Ribeira de Iguape. O autor que realizou prospecções arqueológicas na área da Campina do Encantado e seu entorno, coletou alguns artefatos e material malacológico para pesquisas posteriores e fez observações sobre a finalidade e composição dos sambaquis os quais para o autor se localizam em regiões que eram pouco habitadas (figura 45). Krone também inferiu quanto aos hábitos alimentares dessas populações, elaborando um cálculo com relação ao valor de nutrientes ingeridos e o tempo de permanência desses grupos nos sambaquis.

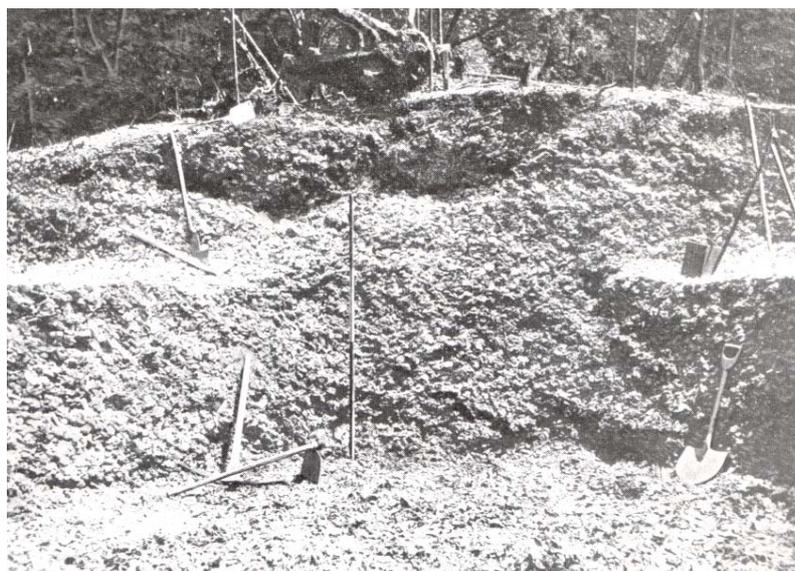


Figura 44. Sambaqui da Campina, rio Pariquera-Açu.

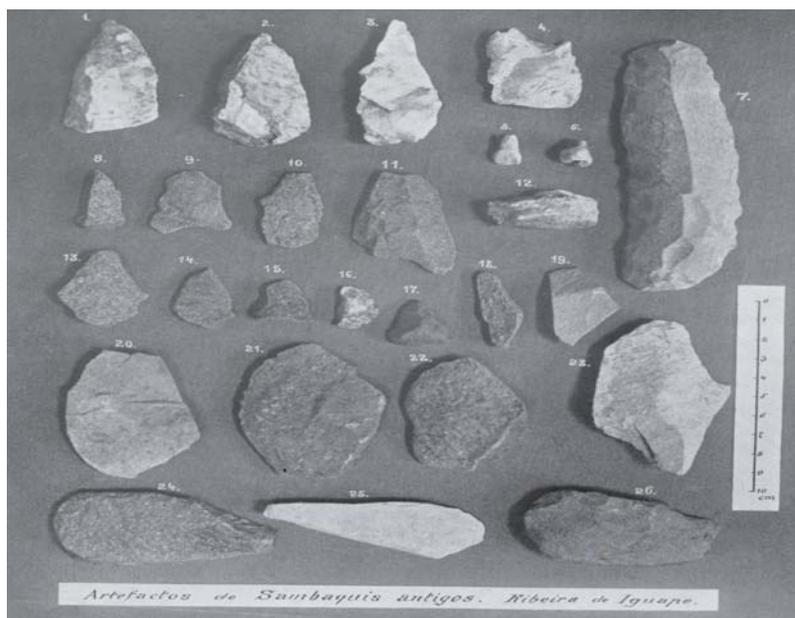


Figura 45. Artefatos encontrados em prospecções arqueológicas

(Relatório da Comissão Geográfica e Geológica do estado de S.Paulo, Exploração do rio Ribeira de Iguape – 1908). 1 e 2 – Ponta de lança de quartzo do Sambaqui da Caputêra; 3 - Ponta de lança de quartzo do Sambaqui da Campina; 4 - Raspador de quartzo do Sambaqui da Campina; 5 e 6 – Incisivo e 1º mollar de creança do Sambaqui da Caputêra; 7 – Faca de Hornstein do Sambaqui do Caracol (Mumúna); 8 a 11 – Pontas de flecha do Sambaqui da Campina; 12 – Bola de Pyrito de Ferro (isqueiro) do Sambaqui da Campina; 13 a 18 - Pontas de flecha do Sambaqui do Caputêra; 19 – Formão do Sambaqui do Caracol; 20 e 21 – Faca do Sambaqui do Jepuvúva; 22 - Faca do Sambaqui do Manoel Franco; 23 - Faca do Sambaqui do Baicó; 24 – Instrumento para abrir os molluscos do Sambaqui do Caeté – Mirim; 25 – Instrumento para abrir os molluscos do Sambaqui do Morrette; 26 – Instrumento para abrir os molluscos do Sambaqui do Jepuvúva.

Embora Krone não tivesse realizado estudos mais profundos com metodologia arqueológica adequada, e não apresente estratigrafia e croquis detalhados da localização espacial dos artefatos e nem tão pouco dos próprios sambaquis, abre algumas premissas instigantes quando responde as perguntas formuladas por Ihering (1904, p.529 –545) para que sejam discutidas como: origem, características peculiares com relação à sua localização, idade, composição, formação das camadas, formas, tamanhos, finalidade, hábitos de pesca e espécies preferidas dos sambaquieiros, cultura material e disposição dos vestígios.

#### **5.1.4. Caracterização dos sambaquis e sítios históricos**

No levantamento dos bens culturais do Parque Estadual da Campina do Encantado e de seu entorno, utilizou-se GPS, e com base nos dados obtidos, os sítios arqueológicos foram plotados na carta base 1:50.000 (Fig. 46). Nesse mapa, os pontos identificados estão representados por números, resultando em uma melhor visualização da distribuição espacial do patrimônio, no total de sete sambaquis e dois sítios históricos.

Ficaram cadastrados os seguintes sítios arqueológicos com o objetivo de gerar informações para as atividades de manejo do parque: sambaquis Encantado, Lombada Grande, Morrete, Baixada, Estirão e Capoeira e os sítios históricos Ruína de Pedra e Canal de Navegação.



Figura 46. Sambaquis e sítios arqueológicos identificados no Parque Estadual da Campina do Encantado e no seu entorno imediato.

#### 5.1.4.1. Sambaqui Encantado

O sítio arqueológico encontra-se parcialmente destruído segundo os moradores da região, por aventureiros que escavaram o local em busca de tesouros. De acordo com a tradição oral, corria a lenda que nesta área poderia se encontrar ouro, idéia que talvez remonte ao ciclo do ouro no século XVIII, daqueles exploradores que se dirigiam à região de Xiririca, usando como via de comunicação e transporte o rio Ribeira de Iguape, o que teria forçado o governo português a estabelecer o "*Registro*", (origem do nome daquela cidade) "junto ao rio Ribeira, entre as barras dos rios Jacupiranga e Juquiá, para a cobrança do quinto."<sup>10, 11</sup>

Para Azevedo Marques (1952) a descoberta de ouro no rio Jacupiranga, seria a razão da criação da Casa de Fundação em Iguape, porém Almeida (s.d.) discorda, argumentando que embora fosse de conhecimento público a existência de pequenos veios de ouro no rio Jacupiranga, a "referida casa já existia, pela necessidade da fundição do ouro procedente de Xiririca, Apiaí e Paranapanema."

Os sambaquis são protegidos pela Constituição Federal e Lei Ordinária, nº3.924/61, e qualquer agressão a sua integridade está tipificada no Código Penal Brasileiro que estabelece penas para os crimes contra o patrimônio, independente de se localizarem dentro ou fora do Parque Estadual da Campina do Encantado.

O sambaqui Encantado está localizado a margem da trilha que chega até a área da campina do encantado. Um canal de navegação segue na maior parte do tempo paralelo à referida trilha que alcança o sambaqui.

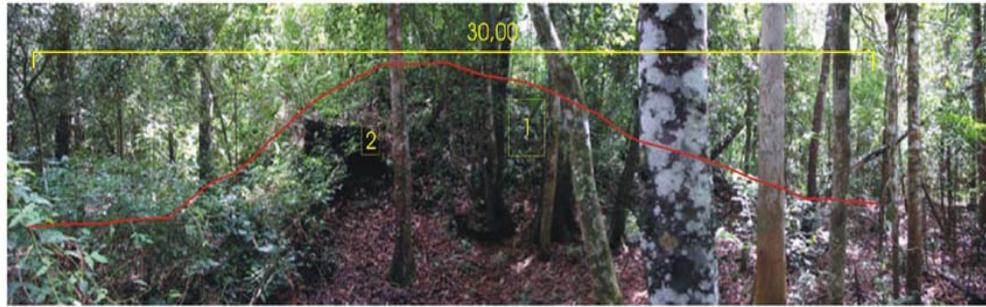
Pode-se chegar até ele navegando pelo canal, aberto segundo tradição oral, na metade do século passado,<sup>12</sup> seguindo-se a pé por aproximadamente 100 metros, do final da vala até o sambaqui. Na superfície o material malacológico predominante é composto principalmente por ostras, sendo que no momento da pesquisa não constatamos fatores impactantes (Fig. 47)<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> No período colonial, um imposto de 20% era cobrado pelo erário português das minas de ouro.

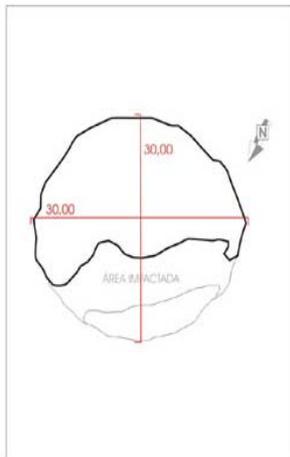
<sup>11</sup> Almeida, A.Paulino. *Memória histórica de Jacupiranga* in Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, CXXVII, 7, p. 29.

<sup>12</sup> Obs. Nos mapas de 1914, da Comissão Geográfica e Geológica não consta este canal.

<sup>13</sup> Os sambaquis foram plotados em croquis apresentando uma vista superior esquemática



Vista NO



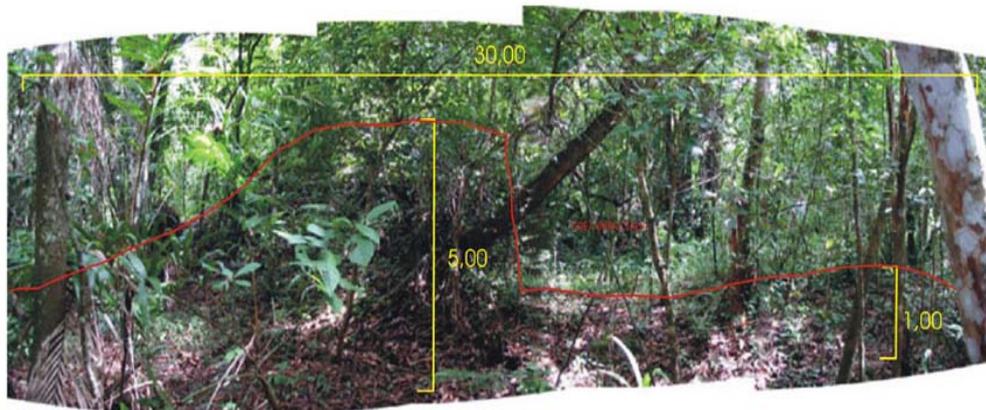
Vista superior esquemática



1 - Perfil exposto



2 - Detalhe do perfil exposto



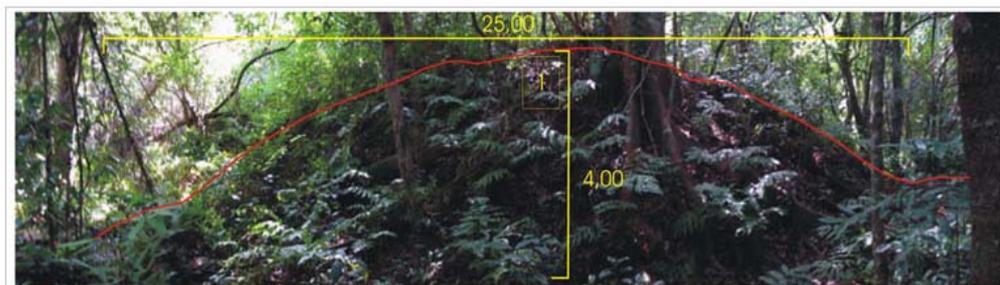
Vista NE

Figura 47. Croqui e fotos do Sambaqui do Encantado (Vilar & Fonseca, 2004)

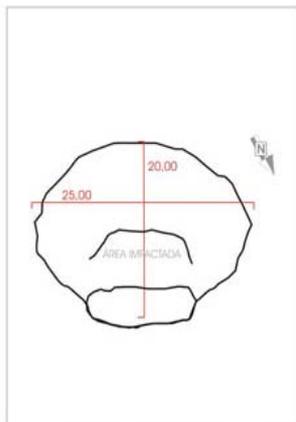
### 5.1.4.2. Sambaqui Lombada Grande

O Sambaqui Lombada Grande, localiza-se a beira da trilha que vai até a área da campina do encantado. Constituído predominantemente de ostras, não sofre impacto aparente (Fig. 48).

As informações orais nos dão conta que existia uma verdadeira indústria de extração das conchas para a fabricação de cal na região, sendo este talvez o motivo pelo qual o sambaqui encontra-se parcialmente destruído.



Vista NE



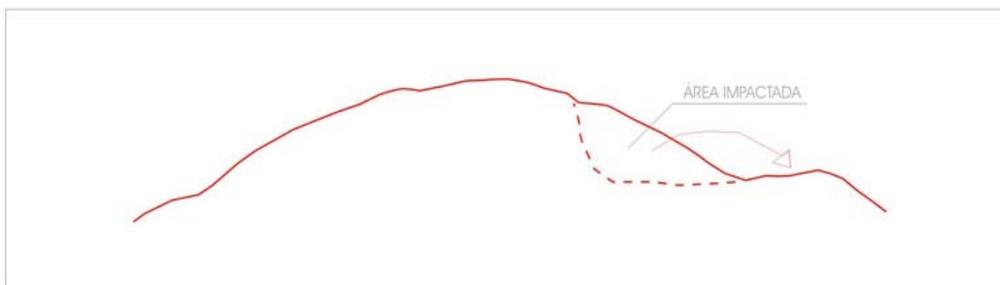
Vista superior esquemática



1 - Face leste



2 - Detalhe da face leste



Vista NE

Figura 48. Croqui e fotos do Sambaqui Lombada Grande (Vilar & Fonseca, 2004)

### 5.1.4.3. Sambaqui Morrete

Aparentemente, a composição do Sambaqui Morrete é feita principalmente por ostras (Fig. 49). Segundo informações de morador da área do entorno, não houve retirada de conchas para a caieira, apesar das evidências mostrarem o contrário, uma vez que o sítio arqueológico apresenta um setor bastante impactado.

Um vetor impactante prejudicial à preservação do sambaqui diz respeito à pecuária, criação de búfalos, que usa as imediações da área para pastagem. Como medida preventiva sugere-se que esse sítio seja cercado, impedindo a passagem desses animais. Sugere-se, inclusive, que esta área (do sambaqui) seja incorporada futuramente ao PECE.

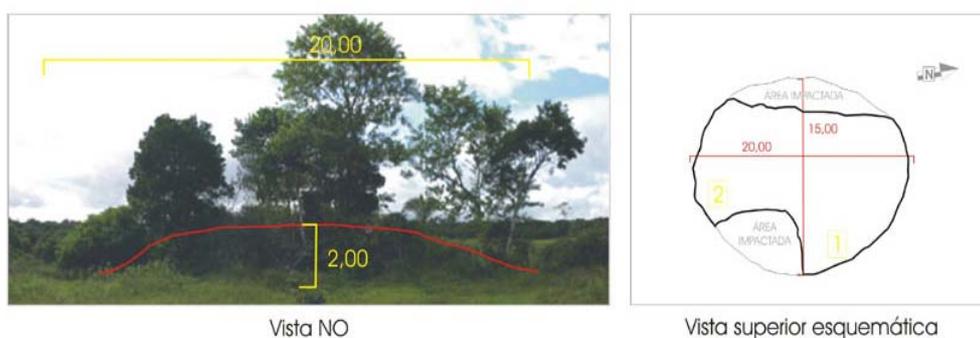


Figura 49. Croqui e fotos do Sambaqui Morrete (Vilar & Fonseca, 2004)

#### 5.1.4.4. Sambaqui da Baixada

O Sambaqui da Baixada encontra-se localizado no entorno do parque. Como medida cautelar seria conveniente que o Poder Público adquirisse e incorporasse esta área ao PECE.

As ostras constituem o principal material da formação do Sambaqui da Baixada (Fig. 50). De acordo com informações de alguns moradores, o sítio encontra-se parcialmente destruído provavelmente pela retirada de conchas para a fabricação da cal, que era escoada através do rio Pariquera-Açu, via de acesso mais próxima. Segundo as mesmas fontes, em meados do século XX, foram achadas e retiradas partes de um esqueleto humano.

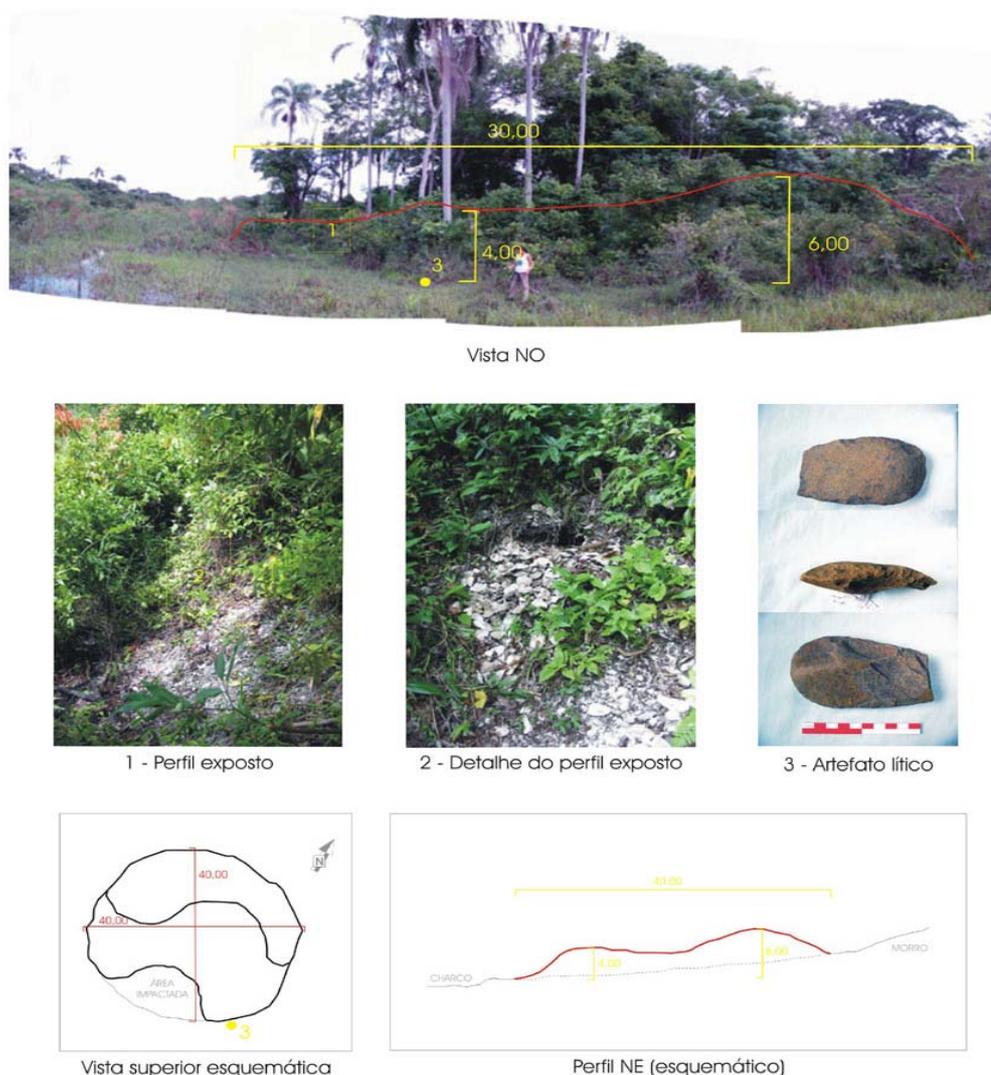


Figura 50. Croqui e fotos do Sambaqui da Baixada (Vilar & Fonseca, 2004)

### 5.1.4.5. Sambaqui do Estirão

O Sambaqui do Estirão possui as ostras como material malacológico predominante (Fig. 51). Encontra-se impactado pela construção de uma estrada que o corta ao meio. Esse sambaqui possui coluna estratigráfica pouco espessa, provável motivo de sua destruição. Não existem evidências ou informações orais de retirada de conchas para caieira.

O Sambaqui do Estirão situa-se, também, na área de entorno do parque, sendo igualmente sugerida sua incorporação ao patrimônio público.

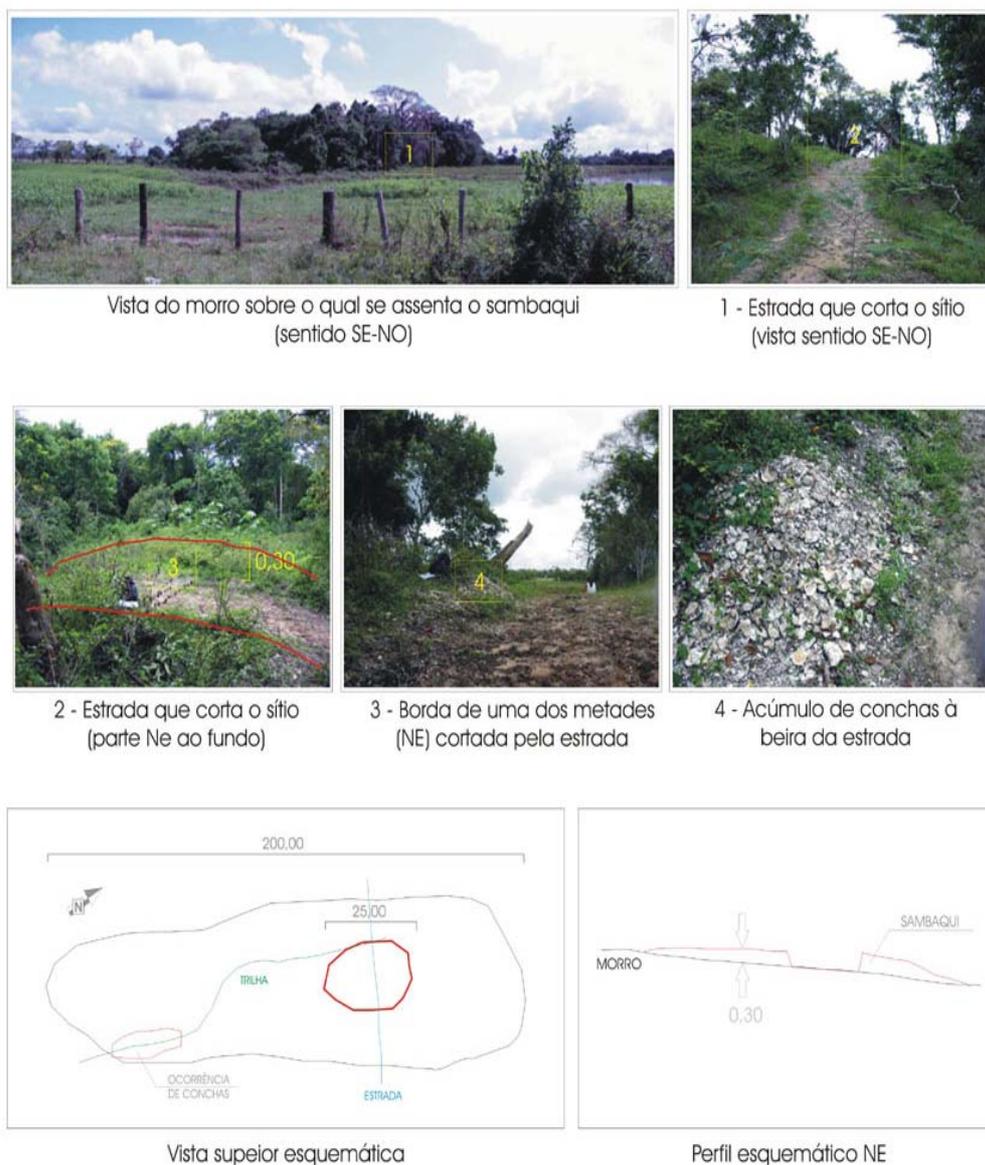


Figura 51. Croqui e fotos do Sambaqui do Estirão (Vilar & Fonseca, 2004)

#### 5.1.4.6. Sítio histórico - Ruína de Pedra

No sítio histórico Ruína de Pedra (Fig. 52) é necessário além de realizar o mapeamento detalhado das estruturas, um estudo mais aprofundado para verificar tanto sua origem, como seu estado de conservação.

Propõe-se que a área seja sinalizada e cercada, evitando o acesso de pessoas ao local, que provavelmente a utilizam como área de lazer, colocando em risco a integridade deste patrimônio.



Vista NE-SO do sítio histórico



Vista NE-SO do sítio histórico



Vista (SO-NE) do interior das ruínas (sítio histórico)



1 - Vista NE-SO das ruínas de pedra (sítio histórico)



Detalhe da base da face oeste



Detalhe da face interior da parede leste



Detalhe da face exterior da parede leste

Figura 52. Croqui e fotos do Sítio Histórico Ruína de Pedra (Vilar & Fonseca, 2004).

No mapa da Comissão Geográfica e Geológica de 1914, consta neste local o "Engenho do Coruja", e coincidentemente existem em cota positiva vestígios arqueológicos de um sítio histórico que supõe-se pertencer ao engenho, porém, pesquisas mais apuradas se fazem necessárias para confirmar esta suposição (Fig. 53).



Figura 53. Mapa do rio Ribeira de Iguape (Relatório da Comissão Geográfica e Geológica do estado de S.Paulo, Exploração do rio Ribeira de Iguape – 1914)

#### 5.1.4.7. Sítio histórico - Canal de Navegação

É necessário que se proceda a uma pesquisa mais detalhada para determinar em que data que este canal foi aberto e qual teria sido a finalidade de sua construção (Fig. 54).



Canal de navegação



Canal de navegação



Vista (SE-NO) do Rio Parquera Açú



Detalhe da porção final do canal de navegação  
(aproximadamente a cem metros do sambaqui Encantado e a novecentos metros do Rio Parquera Açú)

**Fig. 54: Fotos e localização do Sítio Histórico Canal de Navegação**

#### **5.1.4.8. Sambaqui Capoeira**

Quando o trabalho de campo foi realizado, a dificuldade de acesso à região do sambaqui, inviabilizou a chegada dos técnicos ao local, em que pesem os esforços da equipe do PE Campina do Encantado. Além dos caminhos por terra estarem inundados, os rios estavam cobertos por vegetação que impedia a passagem.

#### **5.1.5. Considerações finais**

Os resultados obtidos com este estudo não são conclusivos. O patrimônio identificado deve ser ainda mais estudado, para que se possa ampliar e aprofundar o conhecimento aqui iniciado.

É preciso que novas pesquisas sejam efetuadas, em razão do Parque Estadual da Campina do Encantado representar um campo de estudos por excelência. A pesquisa em si objetiva a procura, recuperação, descrição, interpretação e mapeamento dos vestígios, para que se possa contextualizá-los e para que sejam encaminhadas as questões relativas às sociedades humanas. Afinal, no passado, grupos humanos escolheram esse local para fixar seus assentamentos, os mais antigos que se conhece na região do litoral, e qualquer intervenção atual, por menor que seja, deve ser feita com todo o critério, para que não se percam os testemunhos reveladores da identidade cultural dos nossos antepassados.

